A COMPREENSÃO DO SOCIAL-HISTÓRICO EM CASTORIADIS: os "modos de ser" e a autoinstituição da sociedade

Taís de Cássia Badaró Alves[1]

Resumo: Uma das muitas questões suscitadas pelo pensamento de Castoriadis – a compreensão do social-histórico fomenta o exercício necessário de se problematizar a História enquanto conhecimento. Para o filósofo, parece fundamental analisar o passado vivido em seus "modos de ser", por uma abordagem que investigue os projetos de autonomia e que não se constitua, meramente, em um relato racional. A compreensão das instituições passadas – segundo a proposta de Castoriadis –implica uma abordagem que considere a dinâmica de autoinstituição da sociedade, pela premissa fundamental de que a História é criação. O que se pretende, portanto, é valorizar os elementos apresentados pelo referido autor para a compreensão do social-histórico orientados por uma perspectiva que supere a ideia de determinação – condição estabelecida pelo filósofo para a possibilidade do conhecimento histórico.

Palavras-chave: Social-histórico. História. Autonomia.Castoriadis.

Considerações iniciais

A construção do mundo antigo, em especial a vivência dos gregos, suscitou em Castoriadis[2]a problematização do que é possível ao ser humano pensar, bem como acenou para os limites de sua atuação. Para o filósofo, a afirmação da história como criação humana e a ampliação das perspectivas do pensar sobre essa criação concorreram para os fundamentos da compreensão da categoria de análise denominada "social-histórico". A abordagem proposta pelo filósofo se apresenta como possibilidade de exame crítico da instituição da sociedade – que passa, fundamentalmente, pela criação e recriação de valores e tudo o que define, como dito anteriormente, os seus "modos de ser".

Para o filósofo grego, é ponto pacífico partir de uma compreensão histórica que verifique o processo de autoinstituição da sociedade[3] em uma declarada negação de qualquer determinação que antecipe, à ação humana, contornos e perspectivas. A abordagem promovida pelo filósofo – que neste texto é tomada como uma referência para a compreensão histórica – se faz sobre uma experiência particular em um tempo determinado: os gregos, na Antiguidade, especialmente no momento profícuo

[1] Doutoranda pelo Programa de Sociologia Política da UENF; Mestre em História Social pela USS (Vassouras –RJ); Professora do Centro Universitário São José de Itaperuna e da UNIG – Campus V.

[2]Cornelius Castoriadis, filósofo contemporâneo, de origem grega, marcou os estudos no campo da Filosofia da Educação, com expressiva produção voltada para a relação entre Educação e projetos de autonomia.

[3] Essa perspectiva apresentada por Castoriadis fomenta o debate, no campo da Teoria da História, quanto aos determinismos apresentados em diferentes orientações teóricas do pensamento histórico.

de elaboração dos projetos de democracia e de estruturação do pensamento filosófico.

Para o que mais interessa – a compreensão do vivido –, a História passa a ser entendida, desta forma,como uma construção grega; como produto do ato de inquirir, e fruto da inclinação para o "outro" em um tempo histórico determinado.

É importante observar que não se pretende – com esse exercício de pensar a compreensão do social-histórico em Castoriadis – esgotar todos os elementos que compuseram o processo de autoinstituição da sociedade grega para a autonomia. Considera-se, em especial, o que mais concorreu para a atitude de conhecer o "outro" e que acabou por fixar as bases para o conhecimento histórico.

Sendo assim ,em um primeiro momento, para o que pretende este artigo, destaca-se a singularidade dos gregos –apontada por Castoriadis – no processo de autoinstituição da sociedade. Na sequência, procura-se discutir as perspectivas apresentadas quanto a uma abordagem histórica, problematizando, de certa forma, o campo histórico.

Ao cabo dessas considerações iniciais e na esteira da amplitude das análises do filósofo, pensar o social-histórico implica pensar a validade dos "modelos" e, ao mesmo tempo, indagar-se acerca de um caminho para a autonomia.

1. A atitude dos gregos: o interrogar-se sobre o "outro"

> *[...] como podemos compreender as instituições do passado e/ou "estrangeiras"? E, a propósito, como e em que sentido podemos pretender compreender nossa própria sociedade? (CASTORIADIS,2002,p.281).*

Para além das análises que reduzem a complexidade de se tomar culturas e "modelos" do passado como objeto de investigação, em Castoriadis, encontra-se a iniciativa de valorizar – pelo enfoque na vivência dos gregos – a atitude fundadora de uma tradição: a interrogação acerca do "outro".

A superação do estranhamento e da exclusão do "outro" como objeto de conhecimento estiveram no cerne dessa atitude grega, constituindo-se como uma iniciativa original e particular a uma cultura. A esse processo, Castoriadis denominou

“rompimento da clausura” – dinâmica que se inscreveu no momento de construção da Democracia e da Filosofia na Grécia Antiga.

A trajetória dos gregos, analisada por Mossé (1997, p. 7), assinala ao mesmo tempo “[...] um destino tão brilhante e tão frágil [...]” e que sempre inspirou o conhecimento dessa experiência e dessa vivência – o que, para Castoriadis é referência de uma atitude singular. O “pensar sem restrição”, partindo do princípio de que para além de uma cultura e de certa visão de mundo já estabelecida e autoreferenciada, há o que conhecer, é um aspecto significativo. Esse exercício de voltar-se para o outro e para si próprio é uma evidência de que “O verdadeiro interesse pelos outros nasceu com os gregos, e não passa de um dos aspectos da atitude crítica e interrogadora que eles mantinham ante suas próprias instituições.” (CASTORIADIS, 2002, p. 279).

É importante perceber, como já foi observado, que, dentro de uma tradição histórica particular, nasceu uma atitude que pode ser tomada como o diferencial de uma cultura – não como um “modelo” no sentido mais absoluto da expressão – mas como um *gérmen* para a constituição da cultura ocidental. Para isso, concorre a observação de que a democracia não é um modelo institucional, como também não é um ‘regime’ no sentido estrito do termo. (CASTORIADIS, 1999).

Afirmar acultura grega como *gérmen*, segundo Castoriadis, implica estabelecer um dado comparativo, abrindo-se uma profunda reflexão acerca dos critérios segundo os quais se pode pensar a comparação entre sociedades, do ponto de vista qualitativo. No exercício da análise dos gregos e no cômputo mais geral dessa atitude fundadora, a questão do julgamento e da escolha – dinâmicas próprias ao processo instituinte da sociedade grega e da cultura ocidental – se apresentam como elementos de fundamental importância no projeto para a autonomia.

O reconhecimento do “outro” – na atitude dos gregos – esteve relacionado a uma concepção não unitária do mundo, e nessa atitude já referida, própria aos gregos de “rompimento da clausura”, configurou-se um projeto de autonomia.

Assim como se pode estabelecer uma indissociável relação entre a “abertura para o outro” – e a construção da filosofia e da democracia –, o conhecimento histórico se apresenta como mais um campo de atuação aberto ao homem, pela iniciativa dos gregos, e como mais um exemplar de sua atividade criadora tão valorizada por Castoriadis.

Dessa valorização da “atitude” dos gregos, este texto procura abordar, na sequência, os recursos para a compreensão histórica desenvolvidos na produção do filósofo.

2. A compreensão do social-histórico: das possibilidades para o conhecimento histórico em Castoriadis

[...] que história convirá ao século 21?
(CARDOSO, 2005, p.151).

No que se refere à compreensão do social-histórico, a interrogação expressa na epígrafe – há muito refletida, mas que mantém sua atualidade – retoma o debate acerca dos “modelos” para uma análise histórica. A abordagem de Castoriadis sobre os gregos e os fundamentos que dessa abordagem se podem inferir tornam-se relevantes para o campo das interrogações acerca da História na contemporaneidade – tema bastante vasto.Este texto, contudo, limita-se a incorporar algumas das perspectivas apresentadas pelo autor e, assim, de certa forma, pensar o ofício do historiador.

2.1 O social-histórico: a história como criação e o processo de autoinstituição da sociedade

O que se procura discutir, de modo mais geral, é em que medida Castoriadis fundamenta a possibilidade do conhecimento histórico. Para tal, procurou-se, em primeiro lugar, definir, segundo o filósofo, o social-histórico – objeto da compreensão histórica. Em seguida, abordar os elementos entendidos pelo autor, como aqueles que apontam para essa possibilidade.

É necessário considerar – sem a pretensão de esgotar as implicações dos conceitos – o fundamento estabelecido de ser a história uma dinâmica de criação, o que possibilita um contínuo processo de autoinstituição da experiência vivida. Essas noções implicam reconhecer, na esteira das considerações do filósofo, que não somos nada além do resultado de interações contínuas de pensamentos e ações produzidos no tempo.

Castoriadis denomina social-histórico a um movimento que consiste em todas as formas criadas e configuradas nas instituições que se estabelecem pela fixação

de valores – ainda que de forma provisória – já que a História é incessante fluxo. Sobre essa noção de "fluxo incessante", "magma" – expressos na emergência de novas formas – se apresenta uma potência criadora e em constante movimento.

Como mecanismo próprio ao processo de instituição da sociedade, e que também cabe nessa reflexão, encontra-se o que Castoriadis denomina de "significações imaginárias" – um mecanismo de coerção. A noção de imaginário – tal como entendida pelo filósofo grego – não pode ser concebida como algo estático. Isso se dá pela potência criadora e renovadora (do magma) – que possibilita a dinâmica de criação e autocriação da sociedade. O exercício de apreender o que as coisas significam apresenta-se, assim, como um procedimento necessário ao exercício da compreensão do social-histórico. (CASTORIADIS, 1986).

É importante observar que a cultura historiográfica vem incorporando a noção de imaginário desde a década de 1980, aproximadamente, em um momento de profusão e abertura do campo histórico. Segundo essa perspectiva, as imagens visuais, verbais e mesmo mentais, produzidas por uma sociedade, vêm sendo, de forma recorrente, tomadas como objeto de estudo do historiador. Para ilustrar essas perspectivas no âmbito de ampliação do campo historiográfico é importante mencionar a chamada História das Mentalidades, que se apresentou como um domínio histórico voltado para a perspectiva da valorização dos "modos de sentir".

> História das mentalidades, filha dileta da "escola dos *Annales*"[...] a *prima donna* da chamada Nova História,[...] a preocupação com "os modos de sentir e pensar" ocupou a atenção dos *annalistes* desde os primórdios da revista *Annales* [...](CARDOSO; VAINFAS, 1997, p.129).

Claro está que muitos outros aspectos de definição e concepção sobre o social-histórico encontram-se formulados por Castoriadis. Os elementos que foram observados, ainda que de forma sucinta, se pretendem como delimitação do que o filósofo grego estabeleceu como objeto da investigação histórica. Na sequência, apresentam-se elementos da "atitude" do autor em foco, diante desse Saber.

2.2 A "atitude" historicista de Castoriadis: para uma compreensão do social-histórico

Algumas premissas do Historicismo podem ser consideradas, inicialmente, para efeito de aproximação com os fundamentos apresentados por Castoriadis – no caso mais específico da compreensão do processo vivido pelos gregos. Apesar do caráter controverso da expressão Historicismo[4], para o que pretende este texto, sua utilização passa pela afirmação da premissa central que estabelece como objeto da investigação histórica, homens concretos sem suas relações concretas e particulares.

Para o Historicismo não há um homem universal, que supere a perspectiva da História; um homem que foi e é sempre o mesmo. Isso porque, segundo essa orientação, não há nenhum padrão universal de valores aplicável à diversidade do humano. Todos os valores são, portanto, históricos. Sendo assim, o Historicismo rejeita a razão intemporal, própria às filosofias da história[5], propondo no seu lugar uma "razão histórica". O reconhecimento das diferenças existentes na abordagem dos fenômenos naturais e dos fenômenos históricos é outro ponto de fundamental importância e que se encontram propostos em Castoriadis.

Sobre a História, tal como é entendida sob uma perspectiva historicista, cabe observar que

> [...] não é uma ciência de leis e essências, pois não há modelos supra-históricos dados *a priori* que garantiriam a racionalidade e inteligibilidade do processo histórico efetivo. A consciência história é finita, limitada, relativa a um momento histórico [...]. (REIS, 1999, p. 7).

A perspectiva historicista de que o mundo é incessante fluxo, com pontos de estabilidade – uma vez que os indivíduos se ligam por uma tradição comum –pode também ser aproximada dos fundamentos encontrados em Castoriadis, especialmente quando aborda a fixidez das formas – ainda que provisória – e que constituem o *eidos*[6]. Nesse aspecto, em Castoriadis, é fato que cada sociedade cria o seu conjunto de valores, que a mantém coesa. Por isso, é condição para a

[4]É possível falar em uma "virada relativista" no bojo do movimento historicista – e que corresponde à perspectiva segundo a qual a expressão é utilizada neste texto. Para melhor compreensão desse aspecto, ver Fontana (1998).

[5] Pensamento histórico que se apresenta como realização individual empreendida por filósofos que apontam um sentido para o curso dos acontecimentos, pela fusão das temporalidades passado, presente e futuro. Praticam o que Reis (2009) denomina evasão da temporalidade histórica.

[6]A expressão refere-se a uma essência ou forma que acaba por instituir-se no fluxo do processo de autoinstituição da sociedade.

compreensão do social-histórico, apreender o que as coisas significam para as sociedades nas quais foram construídas.

Por fim, como mais um ponto de intercessão possível, encontramos no filósofo grego o reconhecimento de que juízos de valor interferem na compreensão das sociedades passadas. Aqui também se torna pertinente considerar a questão do julgamento e da escolha, uma vez que, para o filósofo, os julgamentos que fazemos e as escolhas que efetuamos, pertencem à história da sociedade na qual vivemos. Sob esse ponto de vista, a abordagem histórica implica julgar e escolher pelo recorte e a subjetividade que a acompanha.

Uma vez consideradas algumas aproximações com a perspectiva do Historicismo, cabe, por fim, discutir a configuração do pensamento histórico para Castoriadis e as possibilidades desse pensamento.

2.3 Da possibilidade e do "estatuto" do conhecimento histórico

Como ponto de partida, cabe observar que, para Castoriadis, é fundamental a reflexão sobre as condições sociais e históricas do próprio pensamento – o que justifica as aproximações ensaiadas na seção anterior com a perspectiva do Historicismo. Como mais uma evidência da vinculação do pensamento ao seu tempo, no tocante à História, é válido destacar:

> O historiador reflete o tempo em que vive, ainda que nem sempre se dê conta disso. O que chamamos a crise da ciência histórica do nosso tempo é um reflexo de outra crise mais profunda: a das expectativas de futuro que baseávamos numa concepção da história que parecia permitir-nos fazer previsões sobre o porvir. (FONTANA, 1998, p.268).

Sendo assim, quando se analisa a possibilidade da compreensão do social-histórico, recai-se na seara da História como conhecimento enos contornos de um enfrentamento de paradigmas que coloca em discussão o próprio estatuto da História. As referências buscadas em Castoriadis podem contribuir para esse contexto de enfrentamento e especialmente para a busca de perspectivas. Para o filósofo, todo o tipo de pensamento e todas as formas de racionalidade desenvolvidas pelas sociedades humanas são um resultado criativo social e

historicamente determinável. São o que Castoriadis (1986) considera como a forma tomada pelas significações imaginárias dos indivíduos e que expressam os “modos de ser”.

A premissa central de que a História é criação implica a rejeição da perspectiva de que há uma ordem total e “racional” (e, por conseguinte, “repleta de sentido”) do mundo. Neste sentido, é negado à História – como a qualquer outro saber – a dimensão totalizadora. A história se apresenta, assim, não como um mero registro, mas fundamentalmente como uma investigação. Sobre a compreensão do social-histórico – que remete ao conhecimento histórico –, é importante considerar que, nesse campo, não há explicação no sentido das ciências físicas.Embora haja regularidades na vida social, como as significações,os valores funcionam como um magma propulsor de novas formas e outras significações. Toda significação possível é imaginária, ou seja, “ela não é nem racional (não pode ser constituída logicamente) nem real (não pode ser deduzida diretamente das coisas).” (CASTORIADIS, 1986).

O “modelo” proposto por Castoriadis, para a compreensão de uma determinada sociedade pressupõe o exercício de penetrar nas significações – elemento de coesão dessa sociedade. “Deste modo, compreender uma sociedade significa, em primeiro lugar e principalmente penetrar nas (ou reapropriar-se das) significações imaginárias sociais que mantêm coesa essa sociedade.” (CASTORIADIS, 2002,p. 281).

No lugar de uma racionalidade, Castoriadis afirma uma imaginação criadora enquanto componente nuclear do pensamento e que se constituiu em “[...] tudo o que foi imaginado por alguém com força suficiente para conformar o comportamento, o discurso ou os objetos [...].” (Ibidem, p. 282).

O filósofo não pode deixar de enfrentar a questão da universalidade dos postulados científicos. Por sua vez, a objetividade considerada independente dos sujeitos sociais é abstrata, ideológica e mecanicista, pouco contribuindo para a análise da vida humana em sua dinâmica. Assinala, portanto, a impossibilidade epistemológica de se construir uma teoria definitiva para o homem e de constituir-se a história em um saber totalizado. A produção histórica que interessa ao filósofo é a que se constituem uma percepção da potencialidade criadora e transformadora

existente nas sociedades sobre as quais a abordagem histórica se volta: a dinâmica da autonomia dos indivíduos.

Considerações finais

As inúmeras possibilidades de se abordar o pensamento de Castoriadis – especialmente no campo da História – impõem uma "escolha". Neste trabalho, procurou-se discutir, sob alguns aspectos, como o filósofo fundamenta a possibilidade do conhecimento histórico. Para tal, procurou-se abordar a concepção de história do filósofo grego por dois ângulos: no tocante à história em sua acepção do vivenciado – a ação do indivíduo no tempo – e aos procedimentos para sua compreensão.

Como foi destacado, no corpo deste trabalho, a concepção do social-histórico passa pela perspectiva de se entender a história como criação de formas que se instituem no vivido sem que um fator externo à capacidade criadora do homem estabeleça contornos preconcebidos e trajetórias definidas de antemão.Nesse sentido, descarta-se – sob a perspectiva em destaque neste artigo – qualquer princípio de determinação sobre a vivência do homem, cabendo ao saber histórico uma abordagem que não se pretenda totalizadora e absoluta.

Esse pressuposto, como se procurou demonstrar, partiu da abordagem empreendida pelo filósofo sobre a vivência dos gregos em um contexto específico. O que importa, para Castoriadis, na dinâmica da compreensão histórica, é a possibilidade de se promover um exame crítico da atividade instituinte do homem – em um tempo e um espaço particular. Seguindo a máxima de que tudo é criação, a vivência e a compreensão desse vivido acenam para a possibilidade de elaboração (construção) de um Saber coadunado com as possibilidades do Ser.

Avaliar as proposições de Castoriadis, em sua concepção da História (conhecimento) diante do cenário historiográfico atual, possibilita valorizar a contribuição do filósofo para as abordagens históricas – não como expressão de uma postura de desconstrução total desse Saber, mas como exercício necessário ao ofício do historiador. O que fica, portanto, das proposições para a compreensão histórica – que não se esgotam nos argumentos apresentados – é a contribuição

para uma cultura historiográfica que se pretende crítica e em permanente construção.

O exercício de refazer o caminho da compreensão histórica implica, especialmente, a rejeição dos postulados que afirmaram a cientificidade da História sob uma perspectiva totalizadora, mecânica e determinista. Resta o desafio para a História – tarefa não muito simples, mas necessária – de afirmar-se como um conhecimento que não considere meramente o que está instituído, mas, sobretudo, que valorize a incessante capacidade de autoinstituição das sociedades.

Referências

CARDOSO, C.; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História.** Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Ciro. **Um historiador fala de teoria e metodologia.** Ensaios. Bauru/São Paulo: EDUSC, 2005.

CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto.**Os domínios do homem. 2. ed. Tradução por José Oscar de Almeida Marques. Rio, Paz e Terra,2002.

_____. **As encruzilhadas do labirinto V. Feito e a ser feito**. Tradução de Regina Vasconcelos, 1999.

_____.**Instituição imaginária da sociedade**. Tradução por Guy Reynaud. 2. ed., Rio, Paz e Terra, 1986.

FONTANA, Josep. **História –**análise do passado e projeto social. Bauru: São Paulo, EDUSC, 1998.

MOSSÉ, Claude. **Atenas –** a história de uma democracia. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

REIS, José Carlos. **A História, entre a Filosofia e a Ciência**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **História, a ciência dos homens no tempo**. Londrina: Eduel, 2009.